

Reconquista Ibérica: um oceano de tinta entre a historiografia e a *Primera Cronica General de España*

Éderson José de Vasconcelos

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis - Santa Catarina - Brasil
ederson_vasconcelos@hotmail.com

Resumo: No presente artigo¹ buscamos compreender como o conceito de Reconquista foi forjado dentro da historiografia. Tendo como alicerce os principais medievalistas ibéricos e não peninsulares que abordaram esta temática. Para assim buscarmos pensar como a Reconquista é interpretada na historiografia até a contemporaneidade. Contrapondo a historiografia buscamos entender como este conceito aparece dentro da fonte *Primera Crónica General de España*. Para determinada compreensão selecionamos duas batalhas entre cristão e muçulmanos, a primeira é Covadonga em 711, a segunda La Navas de Tolosa 1212. A escolha destes conflitos foi devido ao fato que são leituras bélicas em distintos momentos da Idade Média Ibérica. Neste sentido, o nosso objetivo é entender se existe uma mentalidade bélica no mundo Ibérico que visava reconquistar o território ibérico.

Palavras-Chave: Reconquista, Historiografia, *Primera Crónica General de España*.

Introdução

Para abordarmos a o conceito historiográfico de Reconquista é fundamental compreender as principais causas que geravam os conflitos armado durante o período medieval. Desta forma, mostraremos a importância da guerra no medievo, para assim perceber o contexto Ibérico. Os historiadores Jaques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, na obra *Diccionario Analítico do Ocidente Medieval* entendem que a guerra no medievo pode ser estruturada em três alicerces fundamentais que são: (LE GOFF e SCHMITT, 2006, p. 605-613) a) os confrontos relacionados com as fronteiras podendo ser estes expansionistas ou não; b) a luta por algo perdido - podendo ser uma pessoa, ou território - em defesa da honra; c) a defesa da fé, podendo ser esta a muçulmana ou a cristã. Com base nessas classificações dos tipos de guerra podemos verificar que as batalhas, sendo por um ou por outro motivo, estão presentes na sociedade medieval. No que se diz

¹ Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado que me permitiu a realização desta pesquisa.

respeito à Península Ibérica verifica-se os três tipos que se fazem presentes ao longo do período no qual foi denominado pela historiografia como Reconquista. Para exemplificar a ideia de Reconquista, conceito forjado pela historiografia após o medievo, buscamos apresentar através da documentação *Primera Crónica General de España* como esta concepção bélica é apresentada em distintos momentos na fonte.

A Reconquista: a construção de um conceito tanto para a historiografia quanto para a *Primera Crónica General de España*

Por Reconquista tradicionalmente ficou conhecido o período que se estende do século VIII, com a entrada dos muçulmanos na Península Ibérica, até o século XV, em terras Ibéricas quando em 1492 os cristãos conquistaram Granada, o último reino islâmico. Na atualidade essa definição tradicional de Reconquista passa por um processo de revisão. Historiadores, tanto espanhóis, brasileiros e de outras nacionalidades, passaram a verificar os documentos elaborados a partir da entrada dos muçulmanos na Península Ibérica e começaram a levantar questionamentos tais como: os visigodos que viveram a invasão ou entrada dos muçulmanos entendiam o seu tempo como tempo de Reconquista? Para esse questionamento encontramos resposta negativa, pois os cristãos ibéricos não tinham a ideia de Reconquista (NOGUEIRA, 2001, p.277-295). Conforme verificamos nas crônicas e histórias elaboradas até por volta do milésimo ano do nascimento de Cristo, buscavam sobreviver e até mesmo conquistar áreas que estavam sobre o domínio muçulmano. Não tinham a consciência de reconquistar, recuperar algo que havia sido perdido. Segundo Carlos Roberto F. Nogueira, nas fontes escritas até inícios do século X a ideia de Reconquista não aparece. Nas obras e documentos escritos até esse século são apresentados, entre outros assuntos, a ocupação islâmica da Península e movimentos de reação cristã que visavam tanto se proteger do inimigo como enfrentá-los e vencê-los, conseguindo, dessa maneira, ampliar as suas áreas de domínio. Conforme Nogueira (2001, p. 279):

Ocupada a Península pelos muçulmanos, as fontes permanecem caladas. As primeiras referências às invasões em textos hispano-cristãos datam do final do século IX e começos do século X. Um dos poucos relatos contemporâneos, o Anónimo Mozárabe de 754, não traz a menor referência à criação de um reino cristão nas Astúrias, apenas a rapidez e a facilidade com que o reino visigótico havia sido tomado. (Espanha havia perecido), segundo as expressões das mais primitivas fontes hispano-cristãs. Ao longo do século seguinte e de maneira misteriosa, o secular processo de resistência dos montanhosos do Norte, vai sendo transformado provavelmente por monges

mozárabes egressos de Al-Andalus, em rebelião, reação e posteriormente no século X, (salvação da Espanha).

Esta construção ideia de Reconquista só foi aparecer nas fontes medievais entre o fim do século IX e início do século XI, quando este projeto se consolida, o qual o historiador Carlos Roberto F. Nogueira nos apresentou e que também foi tema explorado por vários historiados ao longo de décadas. Desta maneira possuímos uma vasta historiografia acerca desta temática, mas não são todos que apresentam este conceito no qual se entende a Reconquista como sendo um projeto elaborado entre o fim do século IX e concretizada no século XI. Seguindo a linha apresentada por Nogueira temos vários autores que exploram este conceito de fabricação da Reconquista.

Uma obra anterior ao trabalho do professor Carlos Roberto F. Nogueira é a pesquisa de Adeline Rucquoi de 1993 que possui o título *História Medieval da Península Ibérica* no qual também se trabalha esta ideia de que a Reconquista foi um projeto elaborado, e também o conceito de guerra justa presente nele, e uma unificação cristã dos territórios embora com diversidades políticas, para assim poder efetuar a luta contra o infiel, ou seja, os mulçumanos. Segundo a historiadora:

A guerra contra o infiel, a reconquista, que se torna uma guerra santa igualmente dos fins do século XI, é uma realidade e tem uma história. Mas foi igualmente um mito em que se baseou a justificação do poder dos reis e tem uma função unificadora. Para além das diferenças e das rivalidades, das guerras entre Portugal e Castela, entre Castela e Aragão ou Navarra, para além ainda da flutuação das relações de uns e outros com o reino de Granada, todos os cristãos do Norte da península se identificavam na luta contra o Islã, participando de um mesmo “projecto” militar, religioso e económico, projecto “existencial” que se tornou “essencial”. A reconquista, mito e realidade, fundaram assim ao mesmo tempo um conceito de poder e uma prática deste, uma hierarquização da sociedade em função de critérios militares, a organização de um espaço que não era fechado, e uma visão específica das relações entre o cristão e o seu Criador, que colocava a Igreja numa situação de sujeição ao poder civil (RUCQUOI, 1995, p.216).

Analisando esta ideia apresentada por Rucquoi, podemos entender que a Reconquista pode ser percebida como um projeto cristão, do reino de Castela, de uma unificação na luta contra os muçulmanos, e também muito além da ideia de Reconquista temos a elaboração de um projeto indenitário para poder justificar a luta contra os muçulmanos, como são trabalhadas também as influências vindas de além dos Pirineus, como a investida bélica que na contemporaneidade conhecemos como cruzadas, embasada no confronto contra o infiel.

Seguindo este raciocínio de que a Reconquista é um projeto elaborado entre o fim do século IX e concretizado no século XI, temos outra obra recente de 2006, do

historiador espanhol Julio Valdeón Baruque, *La Reconquista*. Que entende a Reconquista como um projeto unificador, para assim realmente poder efetuar a guerra contra os muçulmanos. Desta maneira, Baruque entende a Reconquista como:

Uma vez apresentadas as principais linhas da evolução histórica das terras hispânicas, caracterizadas no decorrer dos séculos XI a XII pelo extraordinário avanço territorial dos cristãos do Norte, é oportuno que façamos algumas breves observações sobre o conceito que existia naqueles séculos a partir do termo “Espanha”, palavra que veio, como já vimos, de “Hispânia” de origem latina. Por enquanto, é muito comum encontrar nas crônicas dessa época expressões tão significativas como as de reges Hispaniae, ou seja, “reis de Espanha”, ou também reges vel principes Hispaniae, ou seja, “reis ou príncipes de Espanha”. Mas a Espanha cristã não era de forma alguma unificada naquela época, pois tinha um mosaico variado de núcleos políticos, desde o reino da Galiza, localizado no Noroeste, até ao concelho de Barcelona, que ficava a leste, perto do Mar Mediterrâneo, passando pelos reinos Leão, Castela, Navarra e Aragão. No entanto, esta diversidade não impediu que todos pensassem na possibilidade de uma futura unificação dos reinos cristãos da Península Ibérica. Assim, projetou-se o conceito de Espanha no passado visigótico, mas ao mesmo tempo pensou-se num futuro de unidade, quando os diferentes números políticos cristãos se unissem. Isto explica porque nos textos daqueles séculos a expressão “Espanha” era utilizada como termo de indubitável projeção coletiva² (BARUQUE, 2006, p.132-133).

Dando continuidade a este raciocínio de que a Reconquista é uma ideologia construída após o milésimo ano do nascimento de Cristo também é temática de estudo de Manuel González Jiménez no artigo *Sobre a Ideología de la Reconquista: Realidades y Tópicos*. Este autor estuda a historiografia contemporânea sobre esta temática e constata a existência tanto de defensores quanto de um projeto “restaurador” existente entre os godos com o de historiadores que se posicionaram de forma contrária a esta ideia.

Entre aqueles que lhe foram contrários destaca-se o estudo realizado em 1965 por Marcelo Vigil e Abilio Brabero que na obra *Sobre los oringines sociales de la Reconquista*

² Una vez presentadas las principales líneas de la evolución histórica de las tierra hispanas, caracterizadas en el transcurso de los siglos XI al XII por el extraordinario avance territorial de los cristianos del Norte, resulta oportuno que hagamos algunas someras observaciones a propósito del concepto que existía en aquellos siglos del termino “España”, palabra que procedía, como ya vimos “Hispania” de origen latino. Por de pronto, es muy frecuente encontrar en la crónicas de aquella época expresiones tan significativas como las de *reges Hispaniae*, es decir, “reyes de España”, o también *reges vel príncipes Hispaniae*, es decir, “reyes o príncipes de España”. Pero la España cristiana no estaba en aquellos tiempos ni mucho menos unificada, pues contaba con un variado mosaico de núcleos políticos, desde el reino de Galicia, situado en la zona noroccidental, hasta el condado de Barcelona, que se hallaba al Este, próximo al mar Mediterráneo, pasando por los reinos León, Castilla, Navarra y Aragón. Sin embargo, esta diversidad no impedía que todos pensarán en la posibilidad de una futura unificación de los reinos cristianos de la península Ibérica. Así pues, el concepto de España se proyectaba sobre el pasado visigodo, pero a la vez se pensaba en un futuro de unidad, cuando los diferentes números políticos cristianos se juntaran. Esto explica que en los textos de aquellos siglos se empleara, como término de indudable proyección colectiva, la expresión “España”.

defendiam que as atuações expansionistas desenvolvidas pelos homens de Astúrias ocorreram como continuação de um movimento de expansão dos povos alcançando formas de desenvolvimento econômico e social superiores.

Este movimento expansionista também é abordado por Manuel González Jiménez no trabalho *Sobre la Ideología de la Reconquista Realidades y Tópicos*, obra na qual o autor trabalha a historiografia da reconquista. Jiménez apresenta duas interpretações acerca da Reconquista. Na primeira o autor a interpreta com sendo controlada, “reconquistada”, e a segunda como ocupada, “re población”. Ao se referir à Reconquista o historiador apresenta como sendo um tema polêmico e complexo, cujo uso possui defensores e negadores desta corrente de “re población” e “reconquista”. Desta maneira o autor apresenta os defensores da seguinte maneira:

A Reconquista é uma manifestação histórica de uma vontade deliberada por parte dos cristãos, herdeiros dos visigodos, de recuperar um espaço ocupado pelos muçulmanos [...] é a simples resistência do povo do Norte contra a potência do Sul, que, do ponto de vista cultural, no seu sentido mais amplo, poderia aparecer aos primeiros como herdeiro dos romanos e visigodos. [...] a terceira posição tende a obscurecer a palavra Reconquista para considerar o processo nela implícito como a manifestação mais ostensiva da expansão da formação econômico-social feudal³ (JIMÉNEZ, 2002, p.18).

Já nas características negativas a autor, Manuel González Jiménez, as apresenta como sendo três também, segundo ele:

La Reconquista es un concepto, tan simple como falsificador [...] dirán otros, es la simple invención historiográfica que dota a ocho siglos de historia del artificial argumiento de un finalismo histórico [...] es una pura invención semántica, que trata de justificar la injustificable; este es, la expulsión de España de los musulmanes no era el suyo (JIMÉNEZ, 2002, p.18-19).

Esta vertente historiográfica apresentada por González Jiménez (2002, p.96-97) defende que não se poderia encontrar uma relação entre os cristãos do norte da Península e os monarcas visigodos, pois este povo do Norte não era dominado pelos visigodos. Embora estas sociedades possuíssem certas relações socioeconômicas, eram inimigas no campo bélico. Desta maneira os protagonistas dos primeiros confrontos entre cristãos e muçulmanos não possuíam a ideia de recuperação de território, pois não havia um lugar

³La Reconquista tiene de manifestación histórica de una deliberada voluntad de los cristianos, constituidos en herederos de los visigodos, e recuperar un espacio ocupado por musulmanes [...] es simple resistencia de los pueblos del Norte frente a un poder meridional, que, desde el punto de vista cultural, en su más amplio sentido, podría aparecer ante los primeros como un heredero romanos y visigodos. [...] la tercera postura tiende a oscurecer el vocablo Reconquista para considerar el proceso implícito en él como la manifestación más ostensible de la expansión de la formación económico-social feudal.

perdido. Esta concepção de Reconquista e restauração também é defendida por medievalistas como Martín F. Ríos Saloma (2008, p.200) ao buscar compreender o Estado da Arte de conceito de Reconquista. Nesta perspectiva o historiador vai entender o conceito como sendo elaborados a partir da formação da identidade nacional espanhola. Segundo Rios, para os monarcas e seu círculo, o importante não era a conquista militar, mas a restauração “tanto da antiga ordem visigoda como a liberdade do povo cristão”.

Em outra obra de 1990, do historiador Montero Guadilla, *La Reconquista que nunca Existió*, o autor, seguindo o pensamento dos historiadores anteriormente citados, apenas apresentando uma nova abordagem, menciona a Reconquista como sendo uma *Conquista de España*, pois este território não era totalmente dominado pelos monarcas visigodos e assim, a luta de Reconquista foi de facto uma guerra de conquista cristã da introdução desta religião no mundo Ibérico. Este historiador também apresenta que a Reconquista foi como um projeto elaborado pelos cronistas do fim do século IX. Seguindo estas teorias sobre a Reconquista apresentadas pelos autores anteriormente trabalhados temos também o historiador Ron Barkai, *El Enemigo em el Espejo Cristianos y musulmanes em la España medieval*, reeditado no ano de 2007, no qual o historiador entende a Reconquista da seguinte maneira:

Nos acordos há uma declaração de propósitos e planos para a conquista de Espanha, mas não se trata de uma guerra santa ou de reconquista. Muito pelo contrário, do acordo resulta que se trata de uma “guerra temporária” com o objectivo de expandir os territórios de ambos os reinos, uma guerra que não difere em nada das outras campanhas realizadas entre outros reinos feudais durante a Idade Média⁴ (BARKAI, 2007, p.203).

Barkai nos apresenta um debate distinto acerca da Idade Média Ibérica e a compreensão da Reconquista. Em que para o autor as sociedades cristãs e muçulmana são complementares, e as mesmas coexistirão no mesmo território em alguns momentos de forma tolerante e em outros através das relações bélicas. No entanto, o historiador apresenta uma visão além da concepção historiográfica de Reconquista. Desta forma Ron Barkai vai contrariar a tese defendida pelos autores citados, Claudio Sanchez-Albornoz se posicionou em 1968 e em 1983, Armando Basga Marroquin que, na obra *La situación política de los pueblos del norte de España en la época visigoda* defendeu as origens hispanogodas do reino de Astúrias. Independentemente da polémica, Manuel González Jiménez

⁴ En los acuerdos hay una declaración de propósitos y planes para la conquista de España, pero no es el caso de una guerra santa o de reconquista. Todo lo contrario, del acuerdo surge que se trata de una “guerra temporal” con la finalidad de ampliar los territorios de ambos reinos, guerra que no difiera en nada de las otras campañas llevadas a cabo entre otros reinos feudales durante la Edad Media.

constata que em meados do século XI a ideia da Reconquista estava solidamente assentada e, até era conhecida pelos muçulmanos.

Seguindo o entendimento e a ideia de uma “*Hispânica Perdida*”, o historiador Manuel González Jiménez, em: *Sobre la ideología de la Reconquista: realidades y tópicos* apresenta uma compreensão um pouco diferente sobre a Reconquista. Parafraseando González Jiménez, os conflitos entre cristãos e mouros se iniciaram somente no século décimo, no entanto, os cristãos herdeiros dos visigodos, deveriam reestabelecer o território ocupado pelos muçulmanos. É a habitual objeção dos povos do Norte a uma capacidade meridional, que, do ponto de vista cultural, na sua percepção mais ampla, poderia aparecer a primeira como herdeira romana e visigótica; assim a palavra Reconquista considera o processo nela contido como a manifestação mais ostensiva do alargamento da formação socioeconômica feudal (JIMÉNEZ, 2002, p.18).

Assim é possível perceber que a Reconquista é um conceito historiográfico que vem sendo debatido, explorado, negado, enaltecido, por diferentes chaves de leituras históricas e que também demonstra que mesmo sendo um conceito que já apresentou uma vasta produção, ainda é possível repensar, desenvolver, e reestruturar a luta entre cristãos e muçulmanos no território Ibérico. Tal perspectiva é presente na *Primera Cronica General de España*. Nela podemos verificar como a ideia de Reconquista foi apresentada no século XIII e como os relatos de acontecimentos anteriores foram vistos a partir dessa luz. Como exemplo utilizamos o testamento de Fernando III⁵, o Santo (1201-1252), no qual deixou explícito ao seu filho, Alfonso X, a Reconquista como sendo um legado dos monarcas cristãos que o antecederam.

Et dixol mas “fijo, rico fincas de tierra et de muchos Buenos vassallos, mas que rey que em la cristiandat ssea; punna em fazer bien et ser buenno, ca bien as con que” Et dixol mas: “Ssennor te dexo de toda la tierra de la mar aca, que los moros del rey Rodrigo de Espanna ganada ovieron; et en tu sennorio finca toda: la una conquerida, la otra tributada. Sy la en este estado en que te la yo dexo la sopieres guardar, eres tan buen rey commo yo; et sy ganares por ti mas eres tan bueno commo yo (MENÉNDEZ PIDAL, 1955, p.772-773).

Com base nesse relato fica claro que no século XIII a ideia de Reconquista já estava formada e legitimada. Por isso, a obra historiográfica de Alfonso X, o Sábio, muito contribuiu. Na crônica encontramos vários relatos que tratam do contato entre latinos e muçulmanos, embora na sua maioria esses relatos façam referência a questões bélicas,

⁵Fernando III, o Santo, reinou de 1217 até 1252, com ele ocorreu a unificação dos reinos de Leão e Castela e muitas terras que estava sob o poder dos muçulmanos foram incorporadas aos seus domínios.

geralmente destacando o poderio e a bravura dos protegidos por Cristo, perante os muçulmanos. É importante lembrar que a crônica referida tem entre os seus objetivos legitimar o poder cristão na península e, nesse sentido, veremos a ideia de Reconquista projetada para os primeiros confrontos entre muçulmanos e cristãos. Na sequência apresentaremos, como exemplo, o relato referente à batalha de Covadonga, ocorrida em 722, portanto, nos primeiros tempos da presença muçulmana na Península Ibérica. Segundo a Crônica:

Ell arcobispo Oppa llegosse un dia a la cueva en un mulo en que andava, e comenco de dezir a Don Pelayo con sus palabras mansas et falagueras pero enganosas, assi como sil pessasse del crebanto de los cristianos, cuendandol enganar assi como fiziera ya a muchos cristianos, e dixol assi: (!Ay Pelayo!, bien sabes tu quan fue siempre tu quan grand fue siempre el prez et el poder de los godos en Espanna, ca maguer que ovieron guerra con los romanos et los barbaros nunca fueron vencudos; mas agora sonlo ya por el iuyzio de Dios, et toda su fuerca crebantada et aterrada. Pues di, agora .en que te esfuerças? Por que assi te encerreste aqui en esta cueva con unos pocos de omnes et cuedas revellar et deffendert a los alaraves, quando el rey Rodrigo con toda la cavalleria et la yente de los godos non los pudo sofrir) (MENÉNDEZ PIDAL, 1955, p.322).

Neste relato verificamos que um bispo, aliado aos muçulmanos, procura evitar que ocorra o confronto entre Pelayo e os invasores. No entanto, o bispo não tem sucesso em sua tentativa, o confronto ocorre e é justificado na crônica por meio da intervenção de Deus. Essa ideia é explorada por meio de uma descrição do lugar da batalha segundo o cronista, parece que o referido lugar foi feito por Deus para proteger os cristãos colaborando dessa maneira para ter o triunfo da vitória dos protegidos por Cristo.

Pelayo é retratado na Crônica como sendo um homem de grande fé em Deus, sendo mostrado também como uma pessoa que segue os costumes corretamente. Para fortalecer a ideia de proteção divina vivenciada pelos cristãos nessa batalha o cronista faz uma comparação entre o ocorrido em Cavadonga com a passagem bíblica na qual Moisés triunfa sobre o faraó, conforme a fonte:

E rogarn todos sus coracones a Sancta Maria que los ayudasse et los acorriesse et se amercendeasse de la cristiandad. Las piedras et las saetas et los tragazetes que los moros alancavan a los de la cueva, por virtud de Dios tornavansr en ellos mismos et matavanlos; e por el ivyzio de Dios et por este miraglo tan nuevo que dezimos moriro alli mas de veynte Mill de los moros, e los que escaparon dalli fueron de guisa buelto et toruado que non sabien de si parte nin mandado. E este nuevo miraglo daquello affogamiento fizo Dios a pro de los cristianos de Espanna pora librarlos Dell grand crebanto et Dell astragamiento de los moros en que estaban, assi como fizo a los fijos de Isael quando les saco Del cativerios de Pharaon rey de Egipto et affogo a ell et a todos los suyos en la mar. Vitiza; e de qualquier destos que fuesse, sabida cosa

es que fue arcobispo de Sevilla et despues de Toledo, pero non con derecho como deviera (MENÉNDEZ PIDAL, 1955, p.332).

Outro fato é o seu parentesco com Rodrigo, herdeiro do trono visigodo que não governou devido à invasão moura. Isso é relevante, pois, dessa maneira se procura estabelecer um elo entre o monarca, possivelmente de direito, que não reinou com aquele que deu início ao processo que após o ano mil começou a ser chamado de Reconquista. No entanto, podemos levar em consideração outros fatores internos e externos que favoreceram esta concepção bélica. O que identificamos com a análise da documentação é que a ideia de um projeto bélico contra o islã ibérico, não estava em pauta nos primeiros contatos entre cristão e muçulmanos. Esta concepção só foi se consolidar devido a alguns fatores de natureza península e fora do mundo ibérico também. Como exemplo podemos pensar o fim da unidade política de Al-andaluz, em 1031, e as Cruzadas (1095-1291). Através desta chave de leitura foi possível compreender que a Reconquista só se consolidou de fato após o século XI, devido ao fim do califado de Omíada e também da legitimação das guerras contra os muçulmanos através da convocação para as Cruzadas feita por Urbano II (1095).

A Reconquista como um processo conflituoso que teve uma grande influência de fatores internos e externos à península, como as Cruzadas, relatada pelo historiador Jean Flori como influenciadora deste processo bélico. “A reconquista espanhola, a partir de então, assumiria seu lugar numa nova perspectiva global de reconquista cristã, com o apoio cada vez maior do papado. Essa é a característica essencial da segunda metade do século XI” (FLORI, 2013, p.281). Ou seja, para Flori, independente das motivações internas dos cristãos ibéricos, os agentes externos à península, ligados à Igreja de Roma, foram preponderantes para o desenvolvimento e o incentivo dos conflitos entre mouros e cristãos no mundo Ibérico, pois com a convocação de Urbano II para as Cruzadas foi legitimado a lutas contra os muçulmanos no território Ibérico. Desta forma, o processo de recuperação do território cristão hispânico ganhou legitimação de Cruzadas.

Julio Valdeón Baruque compreende que o desenvolvimento da Reconquista se deve ao fato de que com os agentes internos peninsulares o processo bélico relaciona-se diretamente com o fim da estrutura do califado Omíada. Após sua fragmentação, o território dominado pelo Islã na Península foi facilmente conquistado pelos cristãos ibéricos.

O processo de reconquista foi lançado basicamente a partir de meados do século XI, etapa que coincidiu com o desaparecimento definitivo do Califado de Córdoba após vários anos de guerra civil em al-Andalus. A partir desse

momento, a superioridade dos cristãos era claramente indiscutível⁶ (BARUQUE, 2006, p. 9-10).

Baruque relata que, sem a unidade política muçulmana, juntamente com a fragmentação da mesma em vários territórios, foi facilitado o avanço bélico dos Castelhanos. No relato desta batalha percebemos a presença do “mito” da Reconquista, utilizado para justificar o triunfo cristão que deu origem a formação de uma resistência no Norte, em Astúrias, como sendo um dos primeiros reinos cristãos após a entrada dos muçulmanos na Península Ibérica. A sobrevivência de Pelayo foi fundamental, pois junto a ele ficou vivo o símbolo da monarquia goda-cristã.

O que podemos verificar na obra de Afonso X é justamente o uso de acontecimentos anteriores ao século XIII para poder justificar e legitimar a Reconquista Ibérica. Neste caso a palavra reconquista ou a perda da Espanha só aparece nos textos que são referentes ao século X, e desta maneira esta ideia de recuperação da península se torna cada vez mais clara ao decorrer dos séculos. Assim, no século XIII, no qual temos a batalha proposta para o estudo, *Las Navas de Tolosa*, a Reconquista já estava sendo colocada em prática, conforme um relato referente ao século décimo:

Et esto non vinie por el, mas por la sanna de Dios que era sobre los cristianos, ca después que el prez de los godos fve amorfiguado en Espanna, fue lvegoeglessra despreciada er abaxada et afontada, et el crebanto que fuera del rey Rodrigo, recvdio otra vez en tiempo deste rey Almançor (MENÉNDEZ PIDAL, 1955, p.448).

No Fragmento da *Primera Crónica General de España* apresentado temos uma alusão direta à Reconquista, embora não se apresente a palavra especificamente ou então termos que se referem diretamente a este conceito como, por exemplo, Espanha perdida. Verificamos que esta ideia está presente ao ver que a fonte nos apresenta que a luta deveria ser feita para recuperar o território que um dia foi godo-cristão. Este conceito de Reconquista só vai se especificar ao longo dos séculos, embora alguns medievalistas espanhóis como Sánchez-Albornoz, José Angel García de Cortázar e Emilio Mitre, trabalhem este tema como sendo iniciado nos primeiros confrontos entre as duas culturas, após a entrada muçulmana e, neste caso, o símbolo da resistência se inicia com Pelayo, no qual apresentamos anteriormente no fragmento da *Primera Cronica General de España*, que não faz referência alguma à recuperação da Espanha, ou melhor, à Reconquista.

⁶ El proceso reconquistador se puso en marcha, básicamente, a partir de mediados del siglo XI, etapa que coincidió con la definitiva desaparición del califato de Córdoba tras unos durante años de guerra civil en al-Andalus. A partir de aquel momento, la superioridad de los cristianos fue a todas luces indiscutible.

Na contemporaneidade historiadores como Alejandro García Sanjuán vai problematizar estes conceitos, sendo um dispositivo acadêmico voltado principalmente para a hispanização de al-Andalus, a Espanha árabe/muçulmana representa uma abordagem colonialista como a Reconquista, e reivindicações supremacistas explícitas podem ser encontradas nos escritos de especialistas espanhóis em estudos árabes. O Al-Andalus, de fato, tem sido amplamente utilizado como ferramenta ideológica para justificar o colonialismo espanhol no norte da África, especialmente no atual Marrocos.⁷ No entanto, as narrativas sobre a Idade Média Ibérica são definidas por suas características nacionalistas e colonialistas. A Reconquista e a Espanha muçulmana andam de mãos dadas em grande medida em muito do que foi escrito sobre o assunto ao longo do século XIX e na maior parte do século XX. No entanto, como são retratados conforme as diferentes tradições eruditas (estudos medievais/árabe) e os diferentes contextos nacionalistas em que operam⁸.

Outra chave de leitura contemporânea que vem sendo pensada, principalmente por historiadores fora do território europeu, são os mapeamentos e os debates acerca do desenvolvimento e aplicação do conceito historiográfico de Reconquista. Historiadores como Francisco García Fitz, Martín Federico Ríos Saloma, Bruno Gonçalves Alvaro e Rafael Costa Prado irão estruturar como o processo de Reconquista é fundamental para a compreensão da Idade Média Ibérica e, também, se é correto ou não a utilização deste conceito pela historiografia.

Francisco García Fiz defende a utilização de Reconquista pelos medievalistas. Para o historiador é legítima a existência de diferentes chaves de leituras, gerando conflitos em volta deste conceito, no entanto, suas exposições buscam preservar a Reconquista como categoria historiográfica na conjectura de compreender o seu uso. Desta forma, o conceito é utilizado com constantes críticas, pois é entendido como superficial, simplista e extraordinariamente relacionado ao nacionalismo do século XIX e à ditadura de Francisco Franco (1939-1975). Mesmo assim a Reconquista continua em

⁷Tradução Livre: As a scholarly device primary aimed at Spanishizing Al-Andalus, Arab/Muslim Spain represents as colonialist an approach as Reconquista, and actually explicit supremacist claims are to be found in the writings of Spanish experts on Arabic studies. [...] Al-Andalus, in fact, has been widely used as an ideological tool to justify Spanish colonialism in Northern Africa, especially in present-day Morocco (Calderwood, 2018) (SANJUÁN, 2022, p.18).

⁸Tradução Livre: their nationalist as much as for their colonialist features defines Essentialist narratives about medieval Iberia. To a large degree, both Reconquista and Muslim Spain go hand in hand in much of what has been written on this topic across the 19th and most of the 20th century. The way they are portrayed varies, however, according to different scholarly traditions (Medieval/Arabic studies) and the different nationalist contexts in which they operate (SANJUÁN, 2022, p.25).

absoluta força, devido ao fato deste conceito ser enraizada na historiografia (GARCÍA FITZ, 2009, p.151).

Contrapondo a ideia da utilização do termo Reconquista, Martín Federico Ríos Saloma, ao desenvolver sua pesquisa, busca compreender e entender as edificações deste conceito. Saloma sugere que utilizemos outras nomenclaturas. Acreditamos ser interessante que os medievalistas pensassem a Reconquista com uma ação de “expansão militar”, “restauração da organização eclesiástica”, “conquista”, etc. Desta forma acontece que estes são processos desenvolvidos de forma mais ou menos simultânea não promove o homem de ciência a estabelecer em excessivas simplificações ao utilizar a palavra “reconquistar” (SALOMA, 2008, p.216). Segundo Bruno Gonçalves Alvaro e Rafael Costa Prado defendem.

Muitos rios de tinta ainda não de correr graças ao bombar de coração desses calorosos debates. A falta de consenso – ou a discórdia – no seio da medievalística, nos faz acreditar que possivelmente o “estado da questão” permanecerá pouco alterado, no que tange tanto aos debates em torno do significado histórico da Reconquista, como também em relação ao seu uso quanto categoria historiográfica.[...] Esperamos, não sem certo temor na esperança da espera, que em solo brasileiro, frente a fértil lavra de medievalistas que temos, termos como Reconquista, feudalismo e senhorio, reforma gregoriana e tantas outras pedras de tropeço possam ser cada vez mais revistas e re-analisadas dando novos ares ao debate (ALVARO; PRATA, 2014, p.126).

Desta maneira podemos contestar esta historiografia, pois o que verificamos na PCGE esta ideia se apresenta somente no início do século X, dos cronistas anteriores ao século XIII. Embora se tenha esta reelaboração, não são introduzidos nada a estes documentos, que possa fazer referência à guerra de recuperação da Península Ibérica; um dos objetivos da *Primera Cronica General de España* é exatamente justificar a luta contra o Islã que está ocorrendo no século XIII e, para isso, Alfonso X utiliza da história para legitimar seu objetivo, ou seja, retirar todos os muçulmanos do *limes* do mundo Ibérico e expandir o cristianismo para além dele.

Com isso podemos entender que no contexto da *Las Navas de Tolosa*, apresentado na *Primera Crónica General de España* a ideia de Reconquista já se fazia presente da sociedade ibérico-cristã e também já estava sendo aplicado. Assim devemos fazer alguns questionamentos como: Qual a importância das *Navas* para a Reconquista? Como a Reconquista se apresenta após 1212? Ou então, qual a proximidade da Reconquista em relação a Jihad segundo as *Primera Crónica General de España*? O que podemos verificar nestes questionamentos é justamente que esta ideia defendida pela

historiografia está entrelaçada, nos quais para se responder um termo conseqüentemente acabaremos trabalhando com outro.

Para exemplificar melhor esta relação entre *Las Navas de Tolosa* e a Reconquista apresentaremos um fragmento da *Primera Crónica General de España*, o qual faz específica referência a este confronto. A batalha de 1212 é considerada fundamental na história do medievo Ibérico, pois neste confronto os cristãos passaram a apresentar uma hegemonia no território, no qual se modificou quem possuía o poder de fato na península, de maneira que com os domínios muçulmanos ficaram apenas pequenas quantidades de terra dentro do mundo ibérico. Segundo a *Primera Crónica General de España*:

Et em qual manera otrossi la ligeireza de los navarros, omnes lidiadores, se pararon a la piessa de la batalla, segudandolos et matando en los que fuyen. Et en qual manera otrossi los vltromontanos, que eran los de fuera de Espanna, que fincaran y, con qual corredura et quan de corsçon se pararon et contrallaron a las cabalgadas et correduras de los morros. [...] Et lo que apenas podrie omne creeer, maguer que fue verdat; en adabar de comeret para las ocieron nin quemaron, smon todo de astas de lanças et de saetas et de otras armas que los moros allí troxieran; et avn en aquellos dos días, aqver se quemo la meatad dellas, et avnque lo fazien de gvisa que allí se gastassen; maguer que la muchedvmbre dellas era muy grand. Pves de la gvisa que lo avemos contado fve a la batalla que dizen de Hvbeda ell noble rey don Alfonsso el ochavo de Castiella; et fve fecha esta batalla en las Navas que dizen de Tolosa, et vençiola con Dios et librola, assi como es dicho, a onrra de Dios et de la cristiandat; et crebanto los moros de gvisa que nunca ma alçaron cabeças (MENENDEZ PIDAL, 1955, p.703-704).

Tomando como base o fragmento da *Primera Crónica General de España* temos claro duas ideias centrais presentes na Reconquista Ibérica, o primeiro ponto seria justamente a liberação da Espanha, ou melhor, o território peninsular, pois desta maneira os muçulmanos deveriam ser expulsos, mesmo que para isso se use de meios bélicos. Já um outro ponto fundamental que devemos avaliar é justamente a vitória apresentada no confronto, pois se deu este ocorrido devido à vontade divina e, neste caso, não importava o empenho dos homens das armas, mas sim a vontade de Deus depois de séculos de castigo, no qual a península estava sobre o domínio dos muçulmanos. Podemos entender este triunfo cristão como sendo o início da redenção dos pecados godos-cristãos, tema anteriormente trabalhado no capítulo primeiro, pois com este confronto os cristãos passam a dominar a maior parte do território. São exatamente estes pontos nos quais apresentamos anteriormente que podemos relacionar com a Reconquista e com *Las Navas de Tolosa*, pois o objetivo tanto da batalha como da Reconquista é a recuperação do território assim como a redenção dos pecados.

Após *Las Navas de Tolosa* o que podemos verificar é exatamente o fato de que o sentimento de Reconquista se aflora, pois, os cristãos passaram de fato a recuperar o

território que no passado havia sido godo-cristão. O que verificamos é exatamente o poder muçulmanos se desfazendo até cominar com a queda de Granada 1492.

O medievalista espanhol Manuel González Jiménez, em seu trabalho recente, de 2012, *Las Navas de Tolosa (1212): La Batalla de los Tres Reyes*, entende *Las Navas de Tolosa* como sendo um prólogo dos grandes avanços territoriais dos cristãos em 1265, em que se provocou a extinção de Al-Andalus, ou seja, a Espanha muçulmana, embora Granada tenha se mantido até o século XV.

O que a *Primera Crónica General de España* nos apresenta é o projeto ambicioso do monarca Alfonso X, no qual ele busca levar a Reconquista para o norte da África. Desta maneira podemos entender a recuperação ibérica como sendo um projeto de Guerra Santa, cuja intenção vai além dos limites do território peninsular. Assim o que podemos verificar é a presença de uma característica específica presente na Jihad muçulmana, na qual também se apresenta na Reconquista. Devido a *Las Navas de Tolosa* ser fundamental para legitimar a Reconquista, na qual os cristãos passaram a possuir uma hegemonia sobre o território, entendemos que a batalha de 1212 pode ser percebida como Jihad em função de seu uso para legitimar o projeto expansionista de Alfonso X, no qual um dos seus pilares de sustentação era a Reconquista Ibérica.

Conclusão

No decorrer do presente trabalho conseguimos perceber dois pontos preponderantes referente a História medieval Ibérica. No primeiro aspecto, podemos destacar a ideia de uma perspectiva bélica presente nas fontes medievais na península Ibérica; em que foi ganhando legitimidade posteriormente ao século X, esta validação se desenvolveu por fatores internos e externos ao mundo peninsular. No entanto, o conceito Reconquista é um verbo utilizado posteriormente ao período medieval. Como fatores fora do mundo ibérico podemos observar a legitimação da guerra contra o Islã através da convocação de Urbano II para as Cruzadas; já através dos aspectos internos podemos dar atenção para o fim da unidade política do califado de Córdoba (1031) e também o desenvolvimento dos reinos de taifas.

Através destes fatores podemos observar as causas e justificativas para o avanço e a expansão território dos latinos frente aos muçulmanos; no entanto, este desdobramento territorial durante o medievo não recebia a nomenclatura de

Reconquista. Desta forma podemos compreender que a Reconquista é um conceito historiográfico, desenvolvido posteriormente ao contexto medieval. Portanto, ela pode apresentar distintas leituras, interpretações e até mesmo negação, uma vez que é um conceito forjado pela historiografia e está sujeito a crítica e também influência do contexto histórico de produção.

Sendo assim, podemos perceber que a ideia da guerra contra o islã se fazia presente nas fontes medievais, e se tornou intenção ao decorrer dos séculos, influenciado por distintos momentos da História Ibérica medieval. Desta forma, podemos pensar a possibilidade de entender as relações entre cristãos e muçulmanos no mundo Ibérico fora do estereótipo desenvolvido pela medievalística ibérica denominado de Reconquista, rompendo assim com a mentalidade deste conceito ser quase que um sinônimo de Idade Média Ibérica.

Desta forma a nossa preocupação como o presente artigo é demonstrar que a Reconquista foi um conceito forjado e idealizado pela historiografia. No entanto, devido ao contexto posterior ao século X, segundo a documentação que utilizamos juntamente com o contexto histórico que apresentamos. Podemos perceber que os reinos cristãos do norte do território Ibérico, possuíam a intenção de se desenvolver um espaço perante as unidades políticas muçulmanas presente na península. Sendo assim, temos um processo bélico se desenvolvendo durante o medievo, no entanto, os homens e mulheres que viviam neste contexto não compreendiam o seu tempo como sendo um tempo de Reconquista.

RECONQUISTA IBÉRICA: AN OCEAN OF INK BETWEEN HISTORIOGRAPHY AND THE PRIMERA CRÓNICA GENERAL DE ESPAÑA

Abstract: In this article, we seek to understand how the concept of Reconquest was forged within historiography. Based on the main Iberian and non-Iberian medievalists who addressed this theme. In order to try to think about how the Reconquest is interpreted in historiography up to the present day. Contrasting the historiography, we seek to understand how this concept appears within the Primera Crónica General de España source. For a certain understanding, we selected two battles between Christians and Muslims; the first is Covadonga in 711, the second La Navas de Tolosa in 1212. The choice of these conflicts was because they are warlike readings in different moments of the Iberian Middle Ages. In this sense, our objective is to understand if there is a warlike mentality in the Iberian world that aimed to reconquer the Iberian territory.

Keywords: Reconquista. Historiography. Primera Crónica General de España.

RECONQUISTA IBÉRICA: UN OCÉANO DE TINTA ENTRE LA HISTORIOGRAFÍA Y LA PRIMERA CRÓNICA GENERAL DE ESPAÑA

Resumen: En este artículo buscamos comprender cómo se forjó el concepto de Reconquista dentro de la historiografía. Basado en los principales medievalistas ibéricos y no ibéricos que abordaron este tema. Para tratar de pensar cómo se interpreta la Reconquista en la historiografía hasta nuestros días. Contrastando la historiografía, buscamos comprender cómo aparece este concepto dentro de la fuente de la Primera Crónica General de España. Para una cierta comprensión seleccionamos dos batallas entre cristianos y musulmanes, la primera es Covadonga en 711, la segunda La Navas de Tolosa 1212. La elección de estos conflictos se debió a que son lecturas bélicas en diferentes momentos del Medio Ibérico. Siglos. En este sentido, nuestro objetivo es comprender si existe en el mundo ibérico una mentalidad bélica que pretendía reconquistar el territorio ibérico.

Palabras Clave: Reconquista, Historiografía, Primera Crónica General de España.

Referências

Fonte

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (ed.). **Primera Crónica General de España:** que mando componer Alfonso X, el sabio y que se continuaba bajo Sancho IV. Madrid: Gredos, 1955.

Bibliografia

ALVARO, Bruno Gonçalves; PRATA, Rafael Costa. Guerras Rendilhadas da Erudição: um breve panorama dos combates e debates em torno do conceito de reconquista. **Signum:** Revista da ABREM, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 104-126, nov. 2014.

BARBERO, A & VIGIL, M. **Sobre los orígenes sociales de la Reconquista.** Barcelona Ed Ariel, 1974.

BARKAI, Ron. **El Enemigo en el Espejo:** cristianos y musulmanes en la España medieval. Madrid: Rialp, 2007.

BARUQUE, Julio Valdeón. **La Reconquista: el concepto España – unidad y diversidad.** Madrid: España, 2006.

COSTA, R. **A Guerra na Idade Média:** Estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica. Rio de Janeiro: Editora Paratodos, 1998.

FLORI, Jean. **Guerra Santa:** Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Unicamp, 2013.

GARCIA DE CORTÁZAR, José A. (1999) **La época medieval.** In: ARTOLA, Miguel (org.) *Historia de España.* Volumen 2: Madrid Alianza Editorial, 1999.

GARCÍA FITZ, Francisco. La Reconquista: un estado de la cuestión. Revista **Clio & Crimen**. n.6, p. 142-215, 2009.

GUADILLA, Montero. **La Reconquista que nunca Existió**. Espanha e sem Editora, 1920.

JIMÉNEZ, Manuel González. **Sobre la Ideología de la Reconquista Realidad y Tópicos**. 1995. Disponível em: <<http://www.vallenajerilla.com/berceo/santiago/reconquista.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2022, 1995.

JIMÉNEZ, Manuel González. “Alfonso X y las oligarquias urbanas de caballeros”. In: **Glossae. Revista de História del Derecho europeu**. v. 5-6, 1993, p. 195-214.

JIMÉNEZ, Manuel González. Sobre la ideología de la Reconquista: realidades y tópicos. In: IGLESIA DUARTE, José Ignacio de la (Org.). **Memoria, Mito y Realidad en la Historia Medieval**. XIII Semana de Estudios Medievales de Nájera, 2002. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2003, p. 151-170.

LADERO QUESADA, Miguel Á. (Coord.). **La Edad Media Hispánica: en Torno a Cuatro Centenarios**. Editora Real Academia de la Historia Madrid, 2012.

LE GOFF, J. & SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Editora Edusc Bauru, SP, 2006.

MITRE, Emilio. **La España Medieval: sociedades, estados, culturas**. Madrid. Ediciones ISTMO, s/d.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. A Reconquista Ibérica: A Construção de uma ideologia. In: **Historia, Instituciones e Documentos**, nº8.p:277-295, 2001.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

SALOMA, Martín F. Ríos. **La Reconquista: Una construcción historiográfica “siglos XVI – XIX”**. México: Marcial Pons, 2011.

SALOMA, Martín Ríos. La Reconquista: génesis de un mito historiográfico. **Historia y Grafía**, n. 30, p. 191-216, 2008.

SÁNCHEZ-ALBORNOZ, C. **Orígenes de la Nación Española**. El reino de Asturias. Instituto de Estudios Asturianos. Oviedo. 3 vols., 1975.

SANJUÁN, Alejandro García. Medieval Iberia, Essentialist Narratives and Globalization. **Revista Dell'Istituto di Storia Dell' Europa Mediterranea**, Cagliari - Italia, v., n. 11, p. 13-33, dez, 2022.

SANJUÁN, Alejandro García. Medieval Iberia, Essentialist Narratives and Globalization. **Revista Dell'Istituto di Storia Dell' Europa Mediterranea**, Cagliari - Italia, v., n. 11, p. 13-33, dez, 2022.

ZABALO ZABALEGUI, Javier. El numero de musulmanes que atacaron Covadonga. Los precedentes biblicos de unas cifras simbolicas. In: Historia, Instituciones, Documentos n 31. p. 715-727, 2004.

SOBRE O AUTOR

Éderson José de Vasconcelos é doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Recebido em 13/09/2023

Aceito em 05/01/2024